

Paul Rabinow

E A NATUREZA FINALMENTE SE TORNARÁ ARTIFICIAL

"O ponto de partida da ciência humana moderna é a distinção de que a natureza está, de alguma maneira, dada, lá fora, e que a cultura é o feito distintivo do Homo sapiens, que cresce da natureza, se separa dela e, então, dela se distingue." Esta é uma das afirmações do antropólogo norte-americano Paul Rabinow, professor da Universidade da Califórnia, Berkeley, em entrevista concedida a João Guilherme Biehl. Ele também aborda as implicações do mapeamento do nosso DNA (Projeto Genoma), do qual participa na descrição etnográfica e para quem *"as conseqüências do projeto oscilam entre um reforço e uma criação de mais categorias de compreensão de nós mesmos, em termos genéticos e biológicos"*.

APRESENTAÇÃO*

O antropólogo Paul Rabinow semanalmente visita sua "tribo": uma indústria genética nos arredores de São Francisco. Ali ele faz seu trabalho etnográfico. "É preciso antropologizar o Ocidente, mostrar o exotismo das suas práticas", argumenta o professor da Universidade da Califórnia, Berkeley. Para ele, a ciência não existe fora das relações de poder e saber.

Seus discursos de verdades não são mais universalmente essencializáveis e naturalizáveis. Têm que ser provados ante uma ampla audiência. Se a ciência é tão rigorosamente neutra, como explicar, por exemplo, seu androcentrismo?

Conforme Rabinow,

o mero fato dos pensadores positivistas colocarem-se fora da história ingenuamente revela como incorporam o poder que atualizam. O relativismo somente é um problema para aqueles que teologicamente crêem que há princípios objetivos a serem defendidos.

O trabalho teórico e etnográfico de Paul Rabinow começou a se configurar nos anos 60 na Universidade de Chicago e em Paris. Fêz pesquisa de campo no Marrocos. Recusou-se a tomar a pesquisa como mero rito de iniciação antropológica. Ao contrário, problematizou-a como sendo um trabalho de construção de uma representação daquela realidade social. *Reflexões sobre Pesquisa de Campo no Marrocos*¹ tornou-se pedra de toque da agora já literariamente assimilada Antropologia como crítica cultural.

¹ RABINOW, Paul. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1977.

* Texto preparado por João Guilherme Biehl, Doutorando em Antropologia da Religião, Universidade da Califórnia, Berkeley.

Outras culturas não são textos com sentidos implícitos a serem descobertos. Há que se dialogar com elas, perceber a complexidade e o dinamismo das vidas cotidianas, aprender delas; bem como testar a tolerância da nossa própria linguagem, alargando-a.

² RABINOW, Paul. *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984.
RABINOW, Paul & DREIFUSS, Richard. *Michel Foucault. Beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

³ RABINOW, Paul. Representations are Social Facts. In: CLIFFORD, J. & MARCUS, G. (ed.). *Writing culture - The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986, p.234-261.

⁴ RABINOW, Paul. Beyond Ethnography: Anthropology as Nominalism. In: *Cultural Anthropology*, Washington, D.C., 3(4):360, 1988.

⁵ RABINOW, Paul. *French Modern: Norms and Forms of the Social Environment*. Cambridge: MIT Press, 1990.

Nos anos 80, Rabinow continuou suas peripatéticas indagações anarco-racionalistas através dos corpos modernos que, como diria Michel Foucault, são aprisionados pelas almas do bio-poder². A partir da aprendizagem com o inclassificável Foucault, o antropólogo passou a trabalhar com a razão ocidental como objeto etnográfico³.

As práticas de razão, particularmente os discursos das ciências sociais, têm sido um componente essencial da vida no mundo moderno, sem elas as formações sociais contemporâneas são literalmente impensáveis e impraticáveis. Razão, a despeito de qualquer outra coisa que possa ser, é uma relação social historicamente localizável, uma ação no mundo, um conjunto de práticas⁴.

Em *Francês Moderno: Normas e Formas do Ambiente Social*, Rabinow demonstra como é possível fazer este tipo de análise antropológica. "*Não ignorar o presente acarreta uma consciência crítica e auto-reflexiva*"⁵.

Paul Rabinow não perde tempo provando que é legítimo fazer esta investigação exploratória, experimental, sem fronteiras determinadas. Em meio a uma moratória à ironia - "*sou sarcástico*" -, Rabinow afirma que a ignorância e os pensamentos fantasiosos o importunam. Alguns tropos que representam sua contemporaneidade: cosmopolitanismo crítico; posição oposicionista; desconfiança de poderes soberanos, de verdades universais, de precisões relativizadas em demasia e de moralismo de cima ou de baixo; atenção às diferenças bem como às tendências de essencializá-las; clareza e ascetismo literário. Para ele, ciência é uma ação que tenta conectar. E também "*uma vocação*" à la Weber.

E quando a cultura não mais somente mapeia exotismos ou urbanidades, mas os próprios genes, ali está Paul Rabinow atento às reconfigurações e interconexões de epistemologia, ética, política e estética. "*Não se trata de uma hermenêutica de suspeita, mas sim de olhar para as superfícies, como dizia Nietzsche, e torná-las acessíveis à discussão pública*". Sobre algumas das implicações representacionais do mapeamento do nosso DNA (patrocinado pelos Institutos Nacionais de Saúde e pelo Departamento de Energia do Governo Norte-Americano), o Projeto Ge-

noma, que está etnograficamente descrevendo, Rabinow esclarece:

O objeto a ser conhecido - o Genoma Humano - será conhecido de tal maneira que possa ser transformado. Essa dimensão é completamente moderna, poder-se-ia até dizer que ela exemplifica a definição de racionalidade moderna⁶.

⁶ RABINOW, Paul. Artificialidade e Ilustração: da Sociobiologia à Bio-Sociabilidade. In: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 31:80, out. 1991.

A seguir, a íntegra da entrevista concedida por Paul Rabinow em seu escritório na Universidade da Califórnia, no dia 05 de março de 1992.

- "*Necessitamos novas narrativas*" é o que você tem frequentemente mencionado no curso "*Antropologia da Tecnocultura*". Por que um antropólogo está envolvido em algo como o "*Projeto Genoma*"? E como está envolvido?

- Anos atrás alguns amigos franceses me disseram que eu deveria me interessar por esta questão. Na época não prestei muita atenção. Agora acho que vislumbro algo do que eles suspeitavam. No meu último trabalho, *French Modern*, eu estava interessado na emergência de sociedade como uma categoria moderna, isto é, sociedade não como uma categoria universal, mas sim como uma categoria que emerge nas primeiras décadas do século XIX e se constitui ao mesmo tempo num objeto de saber e de poder. O Projeto Genoma é símbolo de uma grande gama de outras coisas que estão acontecendo em bio-tecnologia, medicina genética, bioquímica e campos afins. Ele aponta para a realidade de que bem podemos estar no limiar da vida tornar-se um objeto de saber e poder. A vida está sendo modernizada, e isto implica torná-la um certo objeto cujas formas de conhecimento acarretarão esforços no sentido de mudá-la.

Isto torna esta questão muito antropológica. Antropologia, enfim, tem a ver com o estudo da humanidade, e aí vida é obviamente central. O trabalho no Projeto Genoma é uma maneira de se encontrar práticas e representações de vida e de verdade que, além de serem objetos de estudo, também se integram no processo de nossa própria transformação. Estamos envolvidos nesta questão e é fundamental entendê-la de maneira a poder questioná-la e

contestá-la. É parte da nossa tarefa política desmistificar e desmascarar as dinâmicas sociais e as representações de poder em jogo na criação científica. A invisibilidade é constitutiva do poder. Escrever cultura não vai em si mesmo derrubar os controles do bio-poder, mas permitir a afirmação das possibilidades de reinterpretá-los e transgredi-los.

- *Mencione algumas conseqüências do "Projeto Genoma" para a prática cotidiana.*

- As conseqüências oscilam entre um reforço e uma criação de mais categorias de compreensão de nós mesmos em termos genéticos e biológicos. Parece claro que as pessoas sabendo mais acerca de genética e tendo acesso a estes testes genéticos acabarão por ter uma visão de si mesmos como carregadores de riscos e perigos potenciais. Ou seja, as pessoas terão "bombas genéticas" que irão explodir mais tarde nas suas vidas. O curso de suas vidas será definido por estas mudanças. Também em termos de sua sociabilidade as pessoas vão procurar com quem se relacionar ou não, com quem ter crianças ou não etc. - tudo a partir destas verdades localizadas no DNA. Tenho chamado a isto de bio-sociabilidade. Este novo saber genético vai ter importantes conseqüências formativas de identidade. É como se os projetos eugênicos fossem agora individualmente internalizados. O grande perigo é a genetização de discriminações ainda tão fortemente institucionalizadas.

Eu não sou contra a ciência. Pelo contrário. É politicamente importante que aprendamos o discurso científico. Na era da bio-sociabilidade não vai mais ser possível questionar as reivindicações de verdades a partir de críticas ideológicas. Verdades serão produzidas geneticamente a partir de construções culturais como raça, sexo, preferência sexual. E as compreensões de quem somos e do que somos capazes vão mudar a partir de disposições genéticas. A indústria da biotecnologia já está articulando seus novos mercados. Enfim, toda esta discussão precisa tornar-se pública.

- *Você costuma se referir ao nosso cotidiano não como pós-modernidade, mas sim como "modernidade tardia". Em que medida o Projeto Genoma simboliza o cumprimento do caráter racionalizador e disciplinador da modernidade, como constataram Weber e Foucault?*

- Eu não tenho uma narrativa mestra da qual a modernidade tardia seja a culminação, num sentido hegeliano de que tudo vai se reunir num final feliz ou infeliz. De certa maneira, o que você diz está absolutamente correto. Uma das coisas mais importantes em toda essa questão de genética e de medicina genética é que ela vai se alastrar pelo corpo individual e social de uma maneira incrivelmente rápida e detalhada. Nós estamos falando das consequências sociais e das mínimas mudanças nos nossos genes, da intervenção na estrutura bioquímica de quem somos. Nós, modernos ocidentais, estamos começando a pensar sobre nós mesmos individualmente e como uma espécie no globo. É aí que reside parte do poder de modernismo tardio desta questão: o desaparecimento das linhas divisórias entre natureza e cultura. Nesse sentido é preciso antropologizar o Ocidente, mostrar o exotismo das suas representações e de como elas são fatos sociais.

- Que tipo de resistência você vislumbra acontecendo neste novo contexto de bio-sociabilidade?

- Eu sou um pouco cauteloso no uso da palavra "resistência". Mas claramente um novo campo de poder e contra-poderes está se criando, no qual muitas das reivindicações genéticas feitas são claramente falsas, como, por exemplo, a de que agressividade e altruísmo são características genéticas masculinas. Isto pode ser contestado por pessoas que estão dispostas a aprender algo desta nova tecnologia e seus absurdos que, em verdade, não têm base científica. Estamos agora numa posição de poder indagar pelo cromossoma e pelo padrão genético onde isto estaria localizado. Esta postura antropológica também é parte da contínua dialética do Iluminismo - não num sentido negativo, mas num sentido mais amplo - de que a ciência pode ser opressiva e conferir autoridade cega a certos grupos e porta-vozes de verdades, e também, simultaneamente, ser uma força que tem implicações democráticas. Parte deste potencial democrático está contido no conhecimento da bio-sociabilidade. Temos que apoiá-lo. Em termos de movimentos populares, me parece que a AIDS também propiciou o surgimento de novas formas de organizações políticas, bastante conectadas à recriação da vivência cotidiana de grupos não reconhecidos pelos poderes constituídos como sujeitos sociais. Na era da bio-sociabilidade me parece que esta tendência vai se intensificar.

- *Este trabalho que você faz de analisar "racionalidades específicas" tem, pois, implicações éticas...*

- Sim, e esta é a diferença com relação à dialética do Iluminismo da Escola de Frankfurt ou de Heidegger, onde existe uma racionalidade e uma tecnologia como sendo tudo. Esta perspectiva na qual estou envolvido procura olhar com bastante cuidado e atenção as reivindicações e afirmações específicas de verdades, bem como as práticas e instituições conectadas com elas; procura ver as diferenças e os diferentes potenciais e perigos envolvidos em distintos domínios. Um abridor de latas e uma bomba atômica não me parecem ser a mesma coisa. Há vastas diferenças em jogo. E também não há essências para estas coisas, elas não são predeterminadas. Este tipo de visão fatalista me parece incorreta e perigosa.

- *Com respeito ao Projeto Genoma você escreveu que "a natureza finalmente se tornará artificial". Que possíveis implicações, limites e possibilidades isto traz aos discursos das ciências sociais?*

- Bem, o ponto de partida para grande parte da ciência humana moderna é a distinção de que a natureza está, de alguma maneira, dada, lá fora, e que a cultura é o feito distintivo do *Homo sapiens*, que cresce da natureza, se separa dela e, então, dela se distingue. Agora que temos a habilidade nesta nova construção de natureza, de conhecê-la de maneira a poder modificá-la, será cada vez mais difícil reivindicar que ela está lá fora, simplesmente dada, que tem suas leis e que estas seguem seus próprios cursos. Nós vamos ter de intervir em mais e mais domínios; também estamos começando a ver que esta intervenção é parte do que somos como espécie. Isto desloca a questão sobre se natureza e cultura são separadas, se uma é pura e a outra impura, para níveis mais específicos como, por exemplo, que tipos de intervenções queremos e a que éticas servem. Então, natureza em si mesma não pode mais do que cultura ser a norma do que fazer e do que não fazer. A partir daí vamos ver muitos cruzamentos procriadores acontecendo.

- *O grupo de rock Titãs canta que "Flores de plástico não morrem jamais..." Comente um pouco sobre este criati-*

vo uso da vida tecnológica vis-à-vis naturalismos nostálgicos e repressores.

- O exemplo mais simples que eu gosto de usar são as "Sierras", aqui na Califórnia. Um grande número de pessoas as visita pensando redescobrir a pureza. Mas é evidente que quase ninguém gostaria de voltar à natureza como ela costumava ser, cheia de cólera, tifo, animais perigosos, cobras venenosas, deslizamentos de terra, sem ambulâncias de emergência, sem acessos eficientes para entrar e sair etc. Toda esta construção aqui nos EUA e em outros lugares da natureza como sendo esta coisa preservada é claramente uma construção dúbia. Me parece que a questão não é fazer a separação, mas perguntar quais são as misturas de natureza e cultura que queremos; quais funcionam, quais não. Eu, por exemplo, não gosto das Sierras, no entanto, alguém poderia dizer que não as quer cheias de gente, mas que também não as quer cheias de doenças. Um marca-passo no coração é uma coisa boa se você quer continuar a viver. Em resumo, me parece que nas próximas décadas, com respeito a uma gama cada vez maior de questões importantes das nossas vidas, não poderemos simplesmente apelar para a natureza ou para a artificialidade como entidades separadas.

- Você esteve no Brasil em 1987 como professor visitante do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Você está supervisionando uma tese sobre violência em São Paulo. Você descreveu o miserável modernismo de Brasília. Você viu "Ilha das Flores" e mencionou que o filme é "um sarcasmo". Como você vê a bio-sociabilidade num país como o Brasil, onde o cotidiano é uma "lixo-sociabilidade"...

- Minha passagem pelo Brasil foi basicamente como turista... Em todo caso, a impressão que tive é de que não é possível comparar o Brasil com o que geralmente se considera "Terceiro Mundo". O Brasil é muito mais parecido com os Estados Unidos do que com o Marrocos, por exemplo, onde fiz meu primeiro trabalho etnográfico. Eu vejo uma grande continuidade entre os Estados Unidos e o Brasil, como "americanos". Digo isso lembrando os comentários de Lévi-Strauss e de Michel de Certeau acerca do Brasil como "novo mundo". Me parece que a classe alta brasileira está bastante envolvida em muitas destas questões

de bio-poder e bio-sociabilidade, assim como a classe média norte-americana também está muito ávida por consumir os últimos avanços genético-tecnológicos. As super avançadas compreensões e práticas de identidades e poderes bio-tecnológicos e bio-políticos me parecem similares no Brasil e nos EUA, ainda que o Brasil tenha uma pobreza muito maior. Também existe similaridade na maneira das pessoas abordarem e olharem para a natureza e a cultura como sendo maleáveis, vendo o controle e melhoramento do meio-ambiente como um projeto ainda bastante dinâmico e vivo... Ainda que isto falhe em ambos os países, me parece que aí existe um acesso para a integração da bio-sociabilidade nas práticas cotidianas... Me parece que no Brasil o acesso massivo ao consumo da parafernália tecno-genética será mais difícil e a longo prazo; mas também me parece que as pessoas rapidamente terão acesso às representações das maneiras de se relacionar consigo mesmas criadas, por exemplo, pelo Projeto Genoma.

- Você tem alguma idéia de como isto está sendo tratado pelas ciências sociais no Brasil?

- Esta pergunta eu deixo para os cientistas sociais brasileiros responderem... O que eu posso dizer é que os intelectuais brasileiros me impressionaram muito, bem mais do que os franceses, por exemplo. Eu destaco o fato deles estarem bastante atualizados literariamente e terem uma relação existencial e política forte com os sujeitos estudados - o que é difícil de se encontrar aqui. O que eu criticaria é o fato de que na sua grande maioria restringem seus estudos ao Brasil. Penso que outras culturas se beneficiariam muito com as perspectivas brasileiras.

- Me parece que grande parte das ciências sociais brasileiras estudam certa representação do Brasil e a naturalizam...

- ...

- Em maio de 1984, pouco antes de Foucault morrer, você lhe perguntou "Onde você se situa?". O que você se perguntaria agora?

- Onde eu me situo?

- *Eu perguntei o que você se perguntaria...*

- Recordo que naquela oportunidade Foucault enfatizou mais uma vez que preferia não se auto-identificar, que se divertia com a diversidade de julgamentos e classificações que lhe imputavam. Me impressionou muito quando ele disse estar convencido de que eram justamente as incapacidades de situá-lo que tinham algo a ver com ele... Mas eu não respondi a pergunta. Deixo-a para uma outra vez.